REVISTA DA FUNDARTE
ANO 23
NÚMERO 57
OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2023
FUNDAÇÃO MUNICIPAL DE ARTES DE MONTENEGRO



REVISTA 57
SABERES ACADÊMICOS E SEUS RESULTADOS: CONCEPÇÕES EM ARTE

NARRATIVAS DE UMA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL, ARTÍSTICA E PEDAGÓGICA EM OFICINAS DO CAPS

NARRATIVES OF A PROFESSIONAL, ARTISTIC AND PEDAGOGICAL EXPERIENCE IN CAPS WORKSHOPS

Gabriela Paludo Sulczinski
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS/Brasil

Maristani Polidori Zamperetti
Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, RS/Brasil

Resumo: Este artigo busca evidenciar uma experiência de atuação profissional no campo da arte, a qual envolveu o contato com a área da saúde mental. Com uma explanação e contextualização da conjuntura social e política do Brasil, apresenta os desafios que uma professora de artes, com formação para a atuação na Escola Básica, encontrou ao se deparar com a realidade dos CAPS, trabalhando como Oficineira de Artes. A autora buscou apresentar os aspectos do funcionamento institucional do CAPS, tangenciando o conhecimento pedagógico da área das artes que conduziu seu papel no referido contexto. Ao final, traça paralelos entre a Escola e o Centro de Atenção Psicossocial, envolvendo suas particularidades e disparidades de funções e objetivos.

Palavras-chave: Arte e política. Saúde mental. Oficina de artes. CAPS. Arte/educação.

Abstract: This article aims to highlight a professional experience in the field of art, which involved engaging with the area of mental health. With an explanation and contextualization of Brazil's social and political situation, it presents the challenges faced by an art teacher, who was trained to work in Basic Education, when confronted with the reality of CAPS (Psychosocial Care Centers) while working as an Art Workshop Facilitator. The author sought to present the institutional functioning aspects of CAPS, touching on the pedagogical knowledge of the arts that guided her role in that context. In the end, it draws parallels between the School and the Psychosocial Care Center, involving their specificities and discrepancies in functions and objectives.

Keywords: Art and politics. Mental health. Art workshop. CAPS (Psychosocial Care Centers). Art/education

.

1. Arte e Política

No início do ano de 2022, quando as vacinas contra o vírus da COVID-19 estavam sendo distribuídas em massa, comecei minha atuação como Oficineira de Artes dentro do CAPS AD III – Travessia. Foi no meio deste contexto de pandemia, mais próximo de sua atenuação por conta das vacinações, que me inseri no campo da saúde. Nesse sentido, trabalhei com oficinas de arte para usuários em situação de dependência química. É importante ressaltar que, em sua maioria, os usuários



que frequentavam o espaço eram negros e de baixa renda. As mulheres, por sua vez, eram as que compunham o maior número de profissionais da saúde no local; e, em contrapartida, os homens detinham os cargos de melhor remuneração (médico ou coordenador). Toda a desigualdade, dificuldade e desafios localizados neste espaço se entrecruzam pelas estruturas de poder que edificam todas as conformações sociais e políticas em que nos encontramos.

Sobre este contexto, penso o que move uma pesquisa em arte em pleno 2023? No caso deste artigo, o que se pode falar ainda mais sobre os problemas neste campo e no da educação? A luta em defesa do ensino de arte no Brasil já tem um longo percurso. Nestes últimos anos, a situação da política brasileira ganhou um representante inominável, desestabilizando ainda mais as condições de trabalho e infra-estrutura da educação brasileira. O processo de golpe que estava em andamento, poderia-se dizer, desde 2016[1] transformou ainda mais o nosso trabalho na universidade como pesquisadores em um ato de resistência. (R)-existir a partir de gestos, de palavras exclamadas, de atitudes rebeldes, de corpos que teimam em continuar na luta; na arte e na política. Espaços de produção e oposição aos retrocessos e projetos de destruição e submissão da classe trabalhadora. Minha perspectiva é a partir dessas forças - psíquicas, sociais -, na tentativa de evidenciar e transformar as estruturas que excluem a maioria da população dos seus direitos e oportunidades fundamentais. É inevitável falar sobre a postura como educadora, e como artista, que busco na minha prática diária. Falar e pesquisar sobre sociedade, sobre suas relações de poder, sobre as desigualdades de classe, raça e gênero[2] é, para mim, uma necessidade conceitual para proceder com a própria realidade. Seja na arte, na educação, na saúde ou na política – enfim, no campo que for –, estas

[1] Poderia-se, porém, identificar o golpismo em andamento desde o ano de 2013. Sabrina Fernandes, socióloga, professora e militante marxista aborda sobre esse assunto com melhor embasamento teórico dentro do seu canal, Tese Onze. Disponível em: https://youtu.be/-XDf66EOe7A Último acesso em: 18 de novembro de 2022.

[2] Em “Mulheres, Raça e Classe”, a autora estadunidense Angela Davis aborda sobre as nuances das opressões e a importância de compreender os sistemas de controle e dominação ao qual estamos inseridos para se pensar (e praticar) um novo modelo de sociedade. Sua abordagem é uma de minhas inspirações e bases de estudo para refletir e compreender as intersecções entre as diversas formas de opressão.



questões estão presentes nas estruturas vigentes e na concepção ontológica deste trabalho.

O objetivo não é aprofundar de forma minuciosa a temática das explorações materiais e simbólicas do ser humano pelo outro, porém ter em consideração que elas, fundamentalmente, constituem a base de nossas relações e das instituições humanas nas quais estamos inseridos. Ao compreendermos que a educação delineia um projeto de sociedade, ela pode ser pensada como instrumento de dominação ou como estratégia de libertação por parte dos educadores e educandos/atores envolvidos. Da mesma forma, no que diz respeito ao atendimento à saúde mental a partir de processos de criação artística, pode-se pensar as oficinas terapêuticas como um espaço de produção propício a quebrar com estruturas verticais de uma herança manicomial e que ainda se vislumbram no tratamento clínico.

No caso desta pesquisa, procuro respaldo para minha própria escrita e atuação docente a partir de uma filosofia da educação desenvolvida por Freire (2005): quando escrevo e penso sobre práticas da liberdade (individual e coletiva) numa sociedade livre, tenho como alicerce os princípios trabalhados pelo educador em seus livros e em sua atuação professoral. Sua pedagogia defende a relação dialógica e ação conjunta entre educador e educando. O autor oferece uma perspectiva humanizadora e crítica na relação entre docentes e discentes. O ato de ensinar e o de aprender operam, concomitantemente, em correspondência. Para Freire, “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de um objeto, um do outro” (FREIRE, 2004 p.23). Da mesma forma, ao falar de educação, Freire a define como:

> Aquela que tem de ser forjada com ele [o oprimido] e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará. (FREIRE, 2016, p. 34)

O trabalho que realizei no CAPS AD III - Travessia está imbricado em torno deste contexto. Não há como separar a prática da liberdade[3], teorizada por Freire, com a realidade concreta em que vivemos, intrínseca ao meio. No caso, a liberdade numa perspectiva de atividade não acomodada, não ajustada a uma posição imperativa, porém transformadora de si, e educando-se na ação do exercício docente. Nas palavras dele:

> Não há, porém, humanização na opressão, assim como não pode haver desumanização na verdadeira libertação. Mas, por outro lado, a libertação não se dá dentro da consciência dos homens, isolada do mundo, senão na práxis dos homens dentro da história que, implicando na relação consciência-mundo, envolve a consciência crítica desta relação. (FREIRE, 1981. p. 79-80).

Essa liberdade se relaciona à realidade agressiva em que estamos inseridos, com as implicações políticas e ideológicas duma prática coletiva. Para mim, é também uma atividade incessante de exercer aquilo que defendo, em teoria, na prática laboral do cotidiano. A expressão textual deste trabalho está diretamente ligada às minhas indignações com as dores do mundo. Como professora, e atuando como oficineira de arte num CAPS com enfoque em usuários em situação de drogas, é impossível não politizar. É impossível, também, não sonhar, cantar ou cuidar. Acho importante tensionar esses assombros e desejos porque ambos me movem. A prática docente, seja no contexto que for, faz-se nessa dialética entre o que nos esmorece, devora, e, em maior grau, no impulso e vitalidade daquilo que nos subleva.

2. Contexto pandêmico e inserção ao campo da Saúde Mental

O vírus da COVID-19 surgiu um semestre após minha graduação em Artes Visuais - licenciatura, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O

[3] O ensaio de Freire, “Educação como Prática da Liberdade”, foi escrito em seu exílio, no ano de 1965. E é neste livro que Paulo Freire relata a experiência pedagógica que realizou, antes do Golpe de 1964, o seu método de alfabetização de jovens e adultos no nordeste brasileiro.



mundo começou a mudar suas configurações sociais e políticas de saúde. O medo começou a ser um estado regulador de grande parte da população, e eu fazia parte dessa camada social que temia o seu poder de contaminação e morte. Especialmente o medo de contaminar alguém. Não me atrevia a sair sem todas as recomendações fornecidas pela Organização Mundial da Saúde (OMS)[4]. E ao longo de todo o primeiro ano de pandemia, a casa e o mercado foram quase que, em unanimidade, os únicos locais de existência por todo 2020 e princípios de 2021.

Acredito ser necessário - de quase caráter reparador, porém de luto - salientar o que mudou em nós, como sociedade. Não é possível dimensionarmos todas as perdas que tivemos e como elas nos moldaram. Como a dor, os dias e os números foram nos anestesiando, ou nos arrebatando. A sensação de impotência que se criou e se sentiu foi se transformando numa bola de neve sem fim. Como continuar vivendo e produzindo depois de tamanha tragédia? Aos poucos retornou-se uma sensação de "normalidade", muitas vezes camuflando essa perda latente, acarretada pela necessidade de continuarmos (r)existindo. Faço aqui menção às mais de 700 mil mortes por COVID-19, no Brasil. Fazemos pesquisa por elas, por cada pessoa que perdemos pelo vírus e pelo negacionismo causado também por um projeto de morte de um governo fascista. Não posso deixar de falar da história recente de nosso país, nem da sua condição política. Somos aqui pesquisadores, contadores de histórias, sujeitos de tempos custosos, de humanidades partidas. Somos aqueles que, por enquanto, ficam com as lembranças. E, com elas, podemos buscar honrá-las em respeito. Falar de saúde mental, nesta pesquisa, é também reconhecer a nossa realidade, seja ela próxima ou distante do campo clínico de atuação.

Sobre os espaços institucionais da Clínica Psicossocial, é necessário lembrar brevemente que elas surgiram a partir dos movimentos sociais e políticos da década de 60, ocorridos no Brasil, e das transformações éticas nos modos de tratamento da saúde mental[5]. O movimento antimanicomial e a reforma psiquiátrica, apenas

[4] Para maiores informações, site oficial da OMS: https://www.who.int/pt Último Acesso em: 18 de novembro de 2022.
[5] Sobre a Instituição CAPS: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2022/07/crepop_CAPS_web.pdf Último acesso: 18 de novembro e 2022.



pincelados neste artigo, foram de fundamental importância para tratar em liberdade o sofrimento dos usuários, garantindo assim os seus direitos civis para uma vida mais plena. Em 2001, o deputado federal Paulo Delgado (PT) implementou a Lei nº 10.216, que "Instituiu um novo modelo de tratamento aos portadores de transtornos mentais no Brasil (…), privilegiando o oferecimento de tratamento em serviços de base comunitária"[6]. Ou seja, a proteção dos pacientes a partir da obsolescência progressiva dos hospitais psiquiátricos, assim como a criação de outras práticas assistenciais em substituição ao modelo hospitalocêntrico de tratamento. Para mim, é indispensável conhecer e narrar um pouco da história dos espaços clínicos de saúde mental e entender a insistente luta para que eles pudessem existir, e resistir, até hoje.

Ao iniciar o ano de 2022, já com três doses da vacina Pfizer, acabei sendo contratada como Oficineira de Artes pela IBSAÚDE[7], empresa na época terceirizada pela UPA[8] na contratação dos CAPS de Canoas. Para minha contratação no CAPS, realizada no dia 28 de Janeiro de 2022, na avenida Boqueirão de Canoas, o protocolo exigia exames de admissão na saúde - exame de sangue, avaliação psicotécnica -, o que era algo novo para mim. É preciso ressaltar que os CAPS em Canoas estavam tendo uma mudança de pessoal, uma transição de funcionários e profissionais da saúde e da assistência social. Havia sido descoberto um escândalo de corrupção e lavagem de dinheiro pela empresa anterior à IBSAÚDE, também terceirizada pela UPA.

Muitos dos profissionais que estavam ali antes, sem nenhum envolvimento com o escândalo, acabaram sendo demitidos em meio a essa transição, e outros acabaram saindo por causa da diminuição considerável dos salários de várias áreas

[6] Informações retiradas do site do Ministério da Saúde. É importante frisar que o movimento antimanicomial está ligado à reforma sanitária brasileira, que resultou na criação do Sistema Único de Saúde (SUS), disponível em: http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2012/18_mai_luta_antimanicomial.html Últimos acesso: 18 de novembro de 2022.

[7] Instituto Brasileiro de Saúde, Ensino, Pesquisa e Extensão para o Desenvolvimento Humano: https://www.ibsaude.org.br/ Último Acesso em: 18 de novembro de 2022.

[8] Unidade de Pronto Atendimento. Acesso ao link do site da UPA de Canoas: https://www.canoas.rs.gov.br/noticias_tag/upa/ Último Acesso em 18 de novembro de 2022.



profissionais (enquanto outras, que já ganhavam salário maior, aumentaram). O próprio oficineiro anterior a mim saiu por causa do salário baixo. Outros decidiram continuar. Quando entrei, era perceptível que a transição não havia sido boa. Foi pesada e triste para os profissionais que permaneceram, mas especialmente para os usuários que ali frequentavam. Nestes espaços de cuidado e tratamento psicossocial, criam-se vínculos entre os trabalhadores e as pessoas que usufruem do lugar. A saída de tanta gente que já conhecia as histórias destes usuários - seus problemas pessoais, seus históricos com as drogas, assim como seus sonhos e metas - acabou sendo uma grande perda para eles. Até criarem-se outros vínculos com os usuários existiu ali um vazio.

Há um lema no capitalismo e no corporativismo que diz “ninguém é insubstituível”. Eu não concordo de maneira alguma quando isso envolve afeto, mesmo que em nível profissional. Ainda que eu tenha substituído uma pessoa no cargo que trabalhei no CAPS, e essa pessoa substituído outra antes dela, quem convive em espaços de vínculo emocional não pode dimensionar as relações em um nível utilitarista. Como professora, minha formação na educação traçou caminhos com minha filosofia de existência. E, seja no papel de oficineira em CAPS ou de arte-educadora no espaço escolar, reconhecer o que é estar ensinando e convivendo com pessoas é também um ato político de humanização pedagógica. Ou seja, ensinar (no meu caso a arte) e estar nestes espaços de trabalho, não se configura numa atividade desprovida de afeto. Como Freire assinala, não transmitimos conhecimento, não estamos ali para passar ideias estancadas. Estamos ali para auxiliar a partir da nossa área, saberes humanos. Gosto de pensar que toda ciência é humana. E, por mais que uma aula exige especificidades conceituais, aprofundamentos teóricos e práticos de determinados campos de conhecimento, ela se faz entre pessoas. Ali, elas existem a partir desse espaço de interação, que é a troca entre profissional e aluno (no caso do CAPS, entre oficineiro e usuário).

3. Localizando os caminhos do CAPS AD III - Travessia

Um dos grandes desafios ao entrar neste lugar de oficineira foi compreender também um novo espaço geográfico de atuação. Como moradora de Porto Alegre, o trânsito de locomoção para o trabalho em Canoas foi uma emocionante mudança. Esses deslocamentos de uma cidade para outra já eram familiares em mim, por outras vivências e atuações distantes de onde morava. A questão central era compreender um pouco melhor este município da região metropolitana de Porto Alegre. Quando entrei no CAPS, aos poucos fui sendo instruída por colegas mais antigos e atuantes do local que começava a adentrar. Demorou alguns dias, mas o mapa geográfico dessa travessia começou a ganhar forma.

Como se pode notar na figura 01 (p.08), há cinco distritos em Canoas. No caso dos Caps, eles estão organizados por territórios conforme o bairro de moradia dos usuários. Assim como cinco distritos, existem cinco CAPS vinculados à prefeitura de Canoas na cidade. Cada um deles tem a sua especificidade dentro do tratamento de saúde mental. Por exemplo, o CAPS I Arco-íris, situado no Centro de Canoas, tem atendimento específico para o público infanto-juvenil em questões de saúde mental. E no caso do CAPS AD III - Travessia, onde trabalhei, o serviço era no tratamento de dependência química. Ou seja, focado no atendimento psicossocial de pessoas em situação de drogas. Em relação aos CAPS, como pode ser verificado no site do Ministério da Saúde[9], eles são subdivididos em modalidades distintas. No caso do Caps Travessia, sua classificação AD é na designação de usuários de Álcool e Drogas. E a modalidade AD III se refere ao "atendimento com 8 a 12 vagas de acolhimento noturno e observação: funcionamento 24h; todas as faixas etárias; transtornos pelo uso de álcool e outras drogas; atendendo cidades ou regiões com pelo menos 150 mil habitantes"[10].

[9] Acesso às informações sobre o CAPS no site do Ministério da Saúde: https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/caps Último acesso: 18 de novembro de 2022.
[10] Site do Governo Federal. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/caps Último acesso: 18 de novembro de 2022.

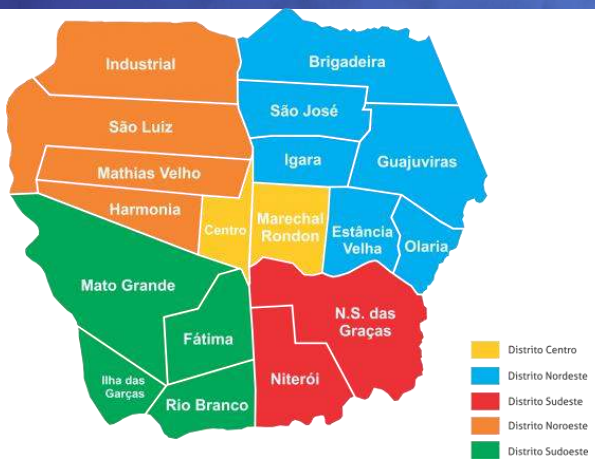


Figura 01. Distritos de Canoas.

O CAPS - Travessia se localiza no Bairro Mathias Velho (Distrito Nordeste, como indica na região laranja do mapa), região estratégica para o acolhimento da grande maioria dos usuários. É o distrito de maior concentração de tráfico de drogas e violência da cidade, e o próprio Mathias Velho fica ao lado do Distrito Centro de Canoas, onde os meios de transporte como trensurb[11] e ônibus fazem suas conexões. Dessa forma, os usuários[12] surgem de várias regiões da cidade, mesmo que o maior número ainda seja do bairro da Mathias (como era chamado coloquialmente por todos do CAPS).

No caso do Travessia[13], a instituição fica localizada na Rua Sepé Tiarajú,116, nome em homenagem a um grande guerreiro indígena da etnia Guarani. Considerado "Herói Guarani Missioneiro Rio-grandense" por lei, Sepé Tiaraju nasceu na cidade de São Luiz Gonzaga (RS), local onde morei a minha infância inteira. Ele liderou uma rebelião contra o Tratado de Madrid, resistindo aos ataques de militares portugueses e espanhóis do período colonial. A história desse chefe indígena, e de toda sua luta contra a escravidão, do seu amor pela liberdade, da defesa de sua

[11] Trensurb S.A.: Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre, RS.
[12] O termo usuário muitas vezes é estigmatizado fora do campo da saúde por remeter ao uso das substâncias químicas. Por causa disso existe um debate sobre os termos Usuário, Paciente e Cliente. Dentro do contexto da saúde mental, a palavra usuário acaba sendo o termo mais adequado para a pessoa que utiliza os serviços clínicos ou hospitalares.
[13] A sigla CAPS AD III - Travessia estará sendo abreviada às vezes para CAPS e outras vezes para Travessia.



terra contra a invasão espanhola, me inspira profundamente a continuar trabalhando por um mundo que acredito. Lembrar aqui da sua justificada rebeldia é entender também a memória que, indiretamente, esse espaço do Caps carrega. Uma das poucas ruas que já conheci que não carrega o nome de um homem rico e branco, mas de um revolucionário indígena cuja história merece ser lembrada e cultivada.

O trajeto que fazia para ir até o endereço do Travessia consistia em caminhar vinte minutos até a parada do Mercado Público de Porto Alegre, viajar quarenta e cinco minutos de trem até o centro de Canoas e caminhar mais quinze para chegar na Rua Sepé Tiaraju. Ida e volta, cinco vezes por semana. Era um processo cansativo dado às oito horas, e mais uma hora de intervalo, no local. No início, quando comecei a trabalhar, todos os Caps da Prefeitura de Canoas estavam sem sistema. Ou seja, não havia onde registrar o rendimento e a produtividade das instituições clínicas, nem outras informações diárias dos usuários. Isso acabou atrasando os registros, que poderiam a posteriori também prejudicar os trabalhadores. Ao longo das primeiras semanas, fui aprendendo o vocabulário da saúde, assim como as funções de oficineira, enquanto me inseria naquele espaço. Por eu não ter recebido nenhum tipo de treinamento prévio, imaginava que estaria lá 'apenas' para dar oficinas de arte. E, na realidade, cheguei tendo que aprender a fazer PTS's, atendimentos aos usuários e acolhimentos na prática.

Resumidamente, o acolhimento é o serviço de entrada para o tratamento no CAPS. Qualquer pessoa pode chegar, sem agendamento prévio, e iniciar no mesmo dia uma conversa com os técnicos da instituição. No período de acolhimento, faz-se a conversa inicial para conhecer um pouco da situação do usuário que chega procurando ajuda e explicar o funcionamento do local. O atendimento, por sua vez, é quando o usuário já frequenta ou frequentou o espaço e se realizam conversas para sua avaliação e tratamento. Nesses casos, a instituição fornece um Projeto Terapêutico Singular, chamado de PTS. O projeto oferece um conjunto de propostas e condutas terapêuticas, onde, junto ao usuário - e sua família, se houver -, cria-se uma rotina, seja ela semanal, mensal, para o tratamento do usuário. E esse tratamento não consiste apenas na medicação controlada contra o vício, mas num



trabalho interdisciplinar dentro do espaço CAPS. Assim como pode ser fornecido medicamentos para o tratamento continuado, a partir da avaliação do psiquiatra, os espaços abarcam atividades semanais diferenciadas para os usuários. No caso do CAPS Travessia, tínhamos na nossa rotina semanal atividades como oficinas de pintura e desenho, de costura, de canto, oficina na horta, atividades em grafite, box, caminhadas pelo bairro, roda de sentimentos, encontro sobre ressaca, entre outras. A partir do interesse e da abertura do usuário, era organizado o PTS que deveria ser cumprido, sem falta, pelo compromisso com a instituição e com a redução de danos da dependência química. Quando eles faltavam, o PTS era reavaliado. No Travessia, havia 10 leitos para um tratamento mais intensivo, que consistiam em dias de isolamento, onde o usuário ficava apenas dentro do CAPS. Nenhum usuário era compulsoriamente obrigado a estar ali, podendo sair a qualquer momento que quisesse; mas, fazendo isso, interromperia o tratamento e perderia seu posto. A maioria que acabava saindo do acordo era para voltar à sua droga de dependência.

4. Diferenças entre CAPS e Escola Básica

O CAPS Travessia atende pessoas em situação de dependência química, buscando especificamente a redução de danos dos usuários. Em sua maioria, a dependência consiste entre uma destas três principais drogas em uso na localidade: álcool, cocaína e/ou crack. Quase todos nós - oficineiro, educador social, psicólogo, técnico de enfermagem - ajudávamos na cozinha, servindo os usuários, distribuindo álcool gel, organizando e limpando o refeitório. Sobre isso, acredito ser importante ressaltar a diferença do trabalho de coletividade no CAPS com as escolas básicas. E falar que essa diferença não se baseia numa simples consciência coletiva das pessoas dali, porém numa estrutura institucional, baseada em escalas dos profissionais que cooperam, ainda que com ressalvas, em prol da necessidade dos usuários.

Trabalhar naquele espaço foi uma experiência enriquecedora e de grandes reflexões sobre a própria área da educação. Atuar na saúde mental, sendo formada numa licenciatura com o enfoque para a sala de aula da escola básica, foi uma



grande surpresa. Os desafios e as diferenças de objetivos com alunos de escola e com usuários de CAPS eram visíveis. De início, minhas proposições para as oficinas de arte tinham um caráter progressivo, de aulas formuladas num plano de ensino para vários dias de produção. Ou seja, que semanalmente eu pudesse avançar em conteúdos e atividades dentro de um planejamento de educação artística. Na prática, não era nem isso que eles queriam, e tampouco se fazia possível, pois a cada aula saíam e chegavam novos usuários, o que dificultava a ideia de continuidade. Aos poucos fui percebendo que eu não estava ali para realizar atividades de ensino como numa escola. Às vezes era, sim, possível construir produções mais engajadas, mas elas aconteciam pelo interesse individual, não coletivo. E trabalhando como oficineira no CAPS, fui percebendo que o que eles precisavam, ao estudar sobre o assunto e conversar com eles, assim como conversar com os profissionais de longa data no espaço, era um acolhimento das necessidades que se diferenciavam das dos estudantes de escola básica.

O que vemos e presenciamos ao adentrar os espaços escolares se diferencia em vários aspectos com o espaço da saúde mental, especificamente as clínicas de atendimento do CAPS. Os objetivos de cada espaço também são discrepantes: na escola, pretende-se ensinar o aluno - em ambiente socializante -, conhecimentos básicos de determinadas áreas profissionais e formar pessoas capacitadas para viver em sociedade; podendo, a posteriori, continuar sua formação para o campo de trabalho escolhido. Ou seja, ali, aluno e professor, convivem para que os alunos, na instrução da figura do professor e da escola, tenham suas primeiras relações entre áreas possíveis de atuação a partir de um sistema formal de escolarização. Na grande maioria das escolas exigem-se avaliações, assim como uma conduta apropriada para o bem comum em sala de aula no objetivo de formar pessoas qualificadas para o mercado de trabalho e a vida em coletividade.

Nas escolas, o que observamos em maior escala é uma energia de vigor, vitalidade, de curiosidade e de descobertas sobre si e o mundo. Mesmo que também exista tristeza e angústias, especialmente pelo desejo de pertencimento e aprovação social, o ambiente da escola proporciona um espaço de encontros com o novo, com



o diferente. A esperança e a vontade são percebidas nos olhos das crianças; a vontade de brincar, de ser escutado, de conversar, de se fazer entender. A emoção do aluno jovem diferencia-se, e muito, da emoção do usuário de dependência química. E, assim como se diferenciam nessas emoções que nos enchem de exaltação, aqui entra também a delicada questão das vontades não mais dos usuários, mas as vontades da própria droga.

Quando se trabalha numa clínica psicossocial para dependentes químicos, é necessário levar em consideração que não estamos lidando somente com um conjunto de pessoas - no caso os usuários -, mas entrando também em relação com forças poderosas; forças que controlam, regulam e suprimem os corpos ali presentes. A dominância psíquica dessas substâncias nos organismos tem a infeliz característica de fazer-se prevalecer e de sobressair-se em detrimento das necessidades humanas. Comer, dormir, sentir fome, sentir desejo, etc; alguns destes estimulantes conseguem afastar as demais necessidades fisiológicas do dependente e fazê-las se curvarem perante eles. Não por acaso as drogas parecem ser uma possibilidade de escape da fome, da tristeza, do desamor e da sobrevivência num mundo excludente e desigual em oportunidades.

Ao conviver nesse ambiente da clínica, na rotina diária de conviver com os usuários, foi sendo possível perceber essas disparidades entre a Escola e o CAPS. Por mais que o CAPS, com áreas de lazer bem cuidadas, com trabalhos artísticos espalhados, fosse um espaço amplo e acolhedor, era inegável o peso que a droga os levava a carregar. Por mais que as atividades fossem divertidas, e que eles se interessassem, era muito difícil lutar a favor (ou contra) a abstinência. O ato de privar-se da substância fazia alguns deles, dependendo da droga, suar frio, tremer. Porém, todos sentiam um sofrimento que, apenas com a droga, poderiam anestesiar. Isso que é o contraditório da dependência química: a droga te vicia no prazer, para, então, te prender na eterna fuga contra a dor. Pelos relatos deles no



grupo de ressaca, era um misto de saudade[14] da droga, do prazer que ela alcança, junto ao receio do desgosto que aparece quando seu efeito desaparece.

Não há como entrar num lugar como o Travessia, mesmo que com uma sala ideal de artes, com materiais diversos e bem estruturada, e não parar para repensar, como professora, a própria atividade docente. A questão da educação no campo da saúde, a partir das artes, é algo que comecei a compreender na prática, com os usuários. Aprendi com eles sobre este novo espaço. A entender o que é necessário para uma nova proposição artística e pedagógica. Essas experiências em um novo formato como o CAPS, com diferentes composições institucionais, são questões a serem exploradas para além da noção de escola. Isso ficou evidenciado ao estar naquele espaço. Aos poucos, fui entendendo qual eram esses caminhos que estavam sendo reavaliados para mim, como oficineira. Daqui, surgiu um novo processo a ser concebido.

Considerações Finais

Como, então, propor uma aula para o espaço do CAPS? Qual o objetivo de uma oficina de artes num Centro de Atenção Psicossocial? Os serviços de atendimento à saúde mental, baseados em oficinas artísticas têm como pressuposto pensar as oficinas como dispositivos terapêuticos. Numa continuidade deste artigo, o foco da pesquisa se resumirá ao instrumento da arte como terapia e como foi possível trabalhar com eles a partir de uma ideia de suspensão da dor e da realidade. Aqui, o objetivo central do artigo era apresentar, de maneira resumida, o funcionamento da instituição e os desafios, junto às pessoas ali presentes, de repensar as possibilidades pedagógicas.

Na busca de uma atuação que preze a humanização e inclusão social do usuário em sociedade, volto novamente à questão política, do início deste artigo, que se relaciona diretamente às situações dos usuários, assim como das ações e reflexões, em contrapartida, de resistência pelos seus direitos. Meu objetivo com

[14] Muitas das descrições sobre os efeitos das substâncias ficavam numa relação entre amor e ódio. A palavra saudade foi usada numa roda de conversa por um dos usuários e me chamou a atenção pelo fato dele descrever a droga quase como uma pessoa.



este artigo, e o que me move a pesquisar estas práticas realizadas, tem como princípio fundamental criticar, expor e defender ideias, sejam elas estruturais ou estruturantes, na busca de uma sociedade participativa. Ao descrever a instituição do CAPS - Travessia, ao debater sobre o espaço escolar e as clínicas de saúde mental, faz-se necessário compreender as dimensões do trabalho em sociedade demandadas para combater a inércia dos que detém maior poder (político e/ou econômico). A situação de ambos, usuários e detentores da propriedade no Brasil, se relaciona ativamente na perpetuação da exclusão e do abismo social ao qual pessoas de dependência química, em sua imensa maioria pessoas negras e pobres, se encontram.

É necessário expor as distintas realidades sociais pois todas fazem parte de um mesmo problema. Escrevo aqui a partir da minha atuação profissional, como professora de artes e como oficineira, porém também como ser político, que ao meu ver são indissociáveis. Não trabalho com a arte e a educação apenas pelo potencial individual do aluno, seja este de escola básica ou de uma clínica psicossocial, mas na tentativa de se pensar uma formação radicalmente não apassivada, porém indagadora, curiosa, na concretude de um projeto de ideais coletivos. No campo de atuação que for, lutar pela possibilidade de transformar a nossa realidade, e a das demais pessoas. É por elas, e por nós, que continuamos a travessia.

Referências:

Conselho Federal de Psicologia (Brasil). *Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) no CAPS - Centro de Atenção Psicossocial*. ed. rev. - Brasília: CFP, 2022. 146 p.

BRASIL. Lei no 10.216/2001, de 06 de Abril de 2001. Dispõe sobre a extinção progressiva dos manicômios e sua substituição por outros recursos assistenciais e regulamenta a internação psiquiátrica xcompulsória. A internação psiquiátrica só será indicada quando os recursos extra-hospitalares se mostrarem insuficientes. Brasília. DF: Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=20004 > Acesso em: 18 de novembro de 2022.

FREIRE, Paulo. *Ação Cultura pela Liberdade e outros escritos.* 5a ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 60a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

Gabriela Paludo Sulczinski
Artista Visual formada em Licenciatura pela UFRGS e Especialista em Artes pela UFPel. Mestranda em Poéticas Visuais na UFRGS, pelo PPGAV. Possui ênfase em desenho e performance, além do enfoque em história, teoria e crítica de arte. Em 2017, em intercâmbio na cidade de Montevidéu (Uruguai), participou do projeto de Extensão da Bienalsur, com o trabalho Metanovelas Austrais. Possui experiência em dança, tendo ministrado aulas de ballet na companhia Mimese Cia de Dança-coisa. Em 2014 entrou na Porto Alegre Companhia de Dança, com direção de Tânia Bauman, participando até início de 2017. Atualmente seu interesse de pesquisa se volta para a produção - autônoma ou interligada - das áreas de dança, artes visuais e música (canto). Participa do elenco de Sopranos desde 2020 no Coral da Orquesta Sinfônica de Porto Alegre (Ospa). Em 2021 coordenou o projeto Coalescer, criado por Laura Cattani, realizado com recursos da Lei Emergencial Aldir Blanc. Em 2023 finalizou sua especialização em artes e atualmente está cursando o Programa de Mestrado da UFRGS, em poéticas visuais.
ORCID: 0009-0001-7299-4417
E-mail: gabs0907@hotmail.com

Maristani Polidori Zamperetti
Doutora e Mestra em Educação (PPGE/FaE/UFPel). Professora Associada no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, RS, onde ministra disciplinas na área de Fundamentos da Educação em Artes Visuais. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/FaE/UFPel), Mestrado e Doutorado, na Linha de Pesquisa "Formação de Professores: Ensino, Processos e Práticas Educativas". Coordenadora do Projeto Artes Visuais do PIBID/UFPel (2014-2018). Líder do Grupo de Pesquisa: Pesquisa, Ensino e Formação Docente nas Artes Visuais (CNPQ). Licenciada em Educação Artística - Artes Plásticas (1987) e Bacharel em Pintura (1990). Especialista em Arte-Educação, Artes Plásticas (1990) pelo ILA/UFPel. Atuou com Professora Pesquisadora I no Curso de Licenciatura em Educação do Campo - CLEC/UFPel - Universidade Aberta do Brasil - UAB (2013-2014). No período de 1991 a 2010 atuou como professora de Artes Visuais na Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Raphael Brusque, em Pelotas, RS. Realiza atividades de Pesquisa, Ensino e Extensão, com ênfase na temática da Formação de Professores: Mídias, tecnologias e Artes Visuais, Cultura Visual, Educação Estética e Experiência.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9600-1988
E-mail: maristaniz@hotmail.com

Disponibilidade dos dados da pesquisa: o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo está publicado no próprio Artigo.
Recebido em 03 de agosto de 2023
Aceito em 08 de setembro de 2023
Editor responsável: Júlia Maria Hummes
ISSN 2319-0868
Qualis A1 em Arte, Educação, Filosofia, História, Interdisciplinar, Linguística e Literatura

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional.
Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte.
Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/